

RESULTADO DOS CONCURSOS FNLIJ 2018

A FNLIJ promove anualmente quatro concursos com o objetivo de divulgar e estimular as diversas ações de incentivo à leitura junto aos públicos infantil e juvenil no Brasil. São eles: Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil, Leia Comigo!, Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas e Tamoios – Textos de Escritores Indígenas, os dois últimos em parceria com o Instituto Uka. A entrega dos certificados aconteceu durante o 20º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós e o 15º Encontro dos Escritores Indígenas no 20º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens no dia 3 de julho.

23º CONCURSO FNLIJ OS MELHORES PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA JUNTO A CRIANÇAS E JOVENS DE TODO O BRASIL

O primeiro concurso criado pela FNLIJ em 1994 recebe inscrições de programas de promoção de leitura vindos de várias regiões do país, que são avaliados por uma Comissão Julgadora, formada por especialistas em Literatura Infantil e Juvenil, atendendo aspectos como a originalidade quanto à concepção e operacionalização; área de abrangência; qualidade do acervo de livros utilizado; práticas que propiciem a criação e a geração de autonomia de leitores; periodicidade das ações; resultados alcançados e formas de propostas de continuidade; referências teóricas e práticas que lhe sirvam de base.

1º Lugar

PROGRAMA: **Histórias Andantes**

Biblioteca Però da Associação Instituto Però | Jaboatão dos Guararapes - PE



Maria José Andrade, Ana Lucia Dantas e Elizabeth Mercedes - 3º, 2º e 1º lugar Concurso Melhores Programas

DIRETOR EXECUTIVO: Newton de Souza e Silva Filho | Mediadores de Leitura: Hugo Felipe da Silva Lima e Hugo Cesar Almeida Maciel

O projeto *Histórias Andantes* é uma das ações da Biblioteca Però que está inserida na Região Metropolitana do Recife, no município de Jaboatão dos Guararapes, no distrito de Prazeres. Trata-se de um local que conta com apenas uma biblioteca pública para atender uma população de, aproximadamente, 644.620 habitantes. O Instituto Però inaugurou em 2008 a Biblioteca Però, com o objetivo de contribuir com a formação cultural da região. Ao todo, são 980 usuários cadastrados, um acervo de 6.120 exemplares de livros e mais de 10.000 pessoas contempladas com as ações do projeto *Histórias Andantes*. Ao longo de oito anos, a Biblioteca Però realizou mais de 50 mil empréstimos. Além disso, promoveu cerca de 700 mediações de leitura em espaços públicos. O projeto *Histórias Andantes* promove a leitura em espaços públicos por meio de quatro ações, a saber: Baú de leitura, Birô de histórias públicas, Leitor mediador e A bolsa amarela. O Baú de leitura é uma ação

articulada da Biblioteca Però com as escolas municipais da região. Um baú com livros é entregue, quinzenalmente, às escolas municipais para contribuir com a formação literária de seus estudantes. São realizadas contação de histórias, leituras compartilhadas e rodas de conversa. O Birô de histórias públicas acontece semanalmente em praças, estacionamentos, paradas de ônibus e em demais locais de grande circulação de pessoas. Nessa ação, há a leitura de histórias curtas e de adivinhas, como também a exposição de parte do acervo da Biblioteca Però. O Leitor mediador é uma ação semanal que acontece na Biblioteca Però. Crianças e adolescentes escolhem um livro e conversam sobre suas escolhas. São os leitores que fazem a mediação do encontro. A bolsa amarela, ação inspirada no livro de Lygia Bojunga, pretende formar os usuários da Biblioteca Però em mediadores de leitura na sua comunidade. A intenção é que eles escolham livros do acervo da biblioteca e, numa bolsa amarela, levem o acervo para ser lido em locais como salas de aula e espaços de convivência familiar. O acervo fica disponível por até 15 dias e contém um caderno de registros.

2º Lugar

PROGRAMA: **Parnamirim, um rio que flui para o mar da leitura**

Secretaria Municipal de Educação e Cultura | Biblioteca Municipal Rômulo Wanderley | Parnamirim – RN

RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Angélica Fernandes de Oliveira Vitalino

O projeto *Parnamirim, um rio que flui para o mar da leitura* existe desde 2010 e tem parcerias com o Instituto de Desenvolvimento da Educação, o Instituto C&A, o SESC, editoras, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Parnamirim (Rio Grande do Norte). Ele está articulado com a política municipal de promoção da leitura literária nas escolas públicas do município de Parnamirim (Lei nº1.563/2011). Sua equipe tem como lema *Um por todos e todos por uma Parnamirim de leitores!* e realiza mensalmente a formação de mediadores de leitura. As principais ações desenvolvidas são saraus, atos literários, fóruns, seminários, intercâmbio com escritores e editores, leituras públicas e feiras literárias. O projeto atende escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos e ainda conta com um site, www.riodeleitura.com.br, onde são compartilhadas experiências com a leitura.

3º Lugar

PROGRAMA: **Ocupa Literatura**

Realizada pela Rede Baixada Literária | ACOPEC – Associação Comitê Ponto Chic | Nova Iguaçu – RJ

RESPONSÁVEL LEGAL: Maria José da Conceição Andrade Gonçalves

Ocupa literatura é uma iniciativa de promoção da leitura do município de Nova Iguaçu com foco na literatura realizada pela Rede Baixada Literária. Existente há dois anos, a iniciativa tem origem no Movimento contra a Miséria e a Fome, organizado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, na década de 1990. O *Ocupa literatura* pertence à Associação Comitê Ponto Chic e conta com a parceria do Instituto C&A, da Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu e da Fundação Educacional

e Cultural de Nova Iguaçu. Além disso, ela está articulada com 10 Bibliotecas Comunitárias da região. O objetivo do *Ocupa literatura* é ocupar com a literatura espaços das comunidades do município de Nova Iguaçu e busca garantir o acesso à literatura, incentivar a literatura local, estimular o gosto pela leitura e valorizar os leitores e autores da comunidade. As atividades desenvolvidas são libertação de livros, pé de livros, balões poéticos, bate papo com o autor, sarau literário, jogos literários, contação de histórias, poesia ao pé do ouvido, chuva de poesia, oficinas (de Fanzine, marcadores de página, capas de caderno com gibi) e microfone aberto (momento para recitar poesias, textos e apreciar os talentos da comunidade).

Menção Honrosa

PROGRAMA: **Leia Maripá**

Biblioteca Pública Cidadã Professora Marlene Alenbrant | Maripá – PR
RESPONSÁVEL: Teresinha Steffens

Leia Maripá é um projeto de incentivo à leitura que já foi premiado pela FNLIJ em 2008. Trata-se de um projeto desenvolvido pela Biblioteca Pública Cidadã Professora Marlene Alenbrant, vinculada à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desportos do Município de Maripá, no Paraná. *Leia Maripá* é um projeto que existe desde os anos 2000 e abrange todo o município. O projeto conta com diversas ações, a saber: Hora do conto, Passaporte do leitor, Filme na biblioteca, Ler é viver, Vovô e leitura, Trabalho e leitura, Primeiras leituras, Roda de leitura e Contação de histórias. A Hora do conto é uma atividade de contação de histórias desenvolvida com as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação. O Passaporte do leitor é desenvolvido por meio de concurso de leitura entre os alunos nas escolas, com premiação para os melhores leitores de cada sala de aula. Filme na biblioteca é uma ação que consiste na exibição de filmes infantis e desenhos. Ler é viver é uma atividade de leitura e discussão sobre livros com os alunos do Ensino Médio que fazem o supletivo. Vovô e leitura atende a terceira idade e acontece em parceria com a Secretaria da Promoção Social a fim de

estimular a leitura dos que frequentam os clubes de idosos do município. Nos dias de encontro, que são mensais, são enviados malotes de livros e revistas. Trabalho e leitura prioriza os trabalhadores das indústrias que recebem, semanalmente, malotes de livros em seus locais de trabalho. Primeiras leituras é uma ação que empresta livros de literatura para a Escola de Educação Infantil Sonho de Criança, uma escola particular da região. Roda de leitura e Contação de histórias acontece mensalmente e leva materiais de leitura para os diferentes distritos de Maripá.

15º CONCURSO FNLIJ/UKA CURUMIM – LEITURA DE OBRAS DE ESCRITORES INDÍGENAS

O concurso contempla textos escritos por professores e educadores, que relatam suas experiências trabalhando a leitura de livros literários de autores indígenas direcionados para crianças e jovens.

1º Lugar

Crianças e Infâncias: Olhares e Sabores

Autora: Ana Cristina Motta da Silva | Porto Alegre –RS

Há que se eternizar a criança, ou a infância, instalada em nossa alma. Há que se sorver toda a pureza contida nesse paraíso para que ela não se perca no *hominizar-se...* sim, porque transformar-nos em *grandes seres* faz-nos esquecer a beleza de nossa jovialidade e isto nunca poderia ser esquecido.

Daí a importância de se perceber, pelos diferentes sentidos, as diferenças, sem avistar nestas o preconceito. Conceitos -



Ana Cristina Motta da Silva e Daniel Munduruku - 1º Lugar Curumim



Alcione Pauli e Cristino Wapichana - 2º Lugar Curumim

previamente mantidos por uma sociedade adulta, carregados de estereótipos excludentes - não deveriam ser repassados a mentes tão pueris e sãs. Crianças enxergam apenas a alma e nestas deveria haver apenas a beleza da criação.

O Projeto Crianças e Infâncias: Olhares e Sabores, ciente de que devemos valorizar as diferenças culturais e a formação do povo brasileiro através de conhecimentos ancestrais, decidiu ampliar horizontes de crianças, em sua maioria de oito e nove anos, da região de Porto Alegre/RS, através do estímulo à leitura de diferentes autores e obras.

O Projeto dividiu-se em duas partes: leituras de autores indígenas e leituras de obras com questões africanas. Ao optar por ler Literatura Indígena, ressaltou a necessidade de se ter variados autores indígenas, cuja unidade temática permeasse a construção de histórias de suas crianças em seu espaço de convivência. As professoras, condutoras do processo, ressaltaram nessas histórias o *jeito guarani de ser*, sua infância, seu modo de imaginar e interpretar o mundo advindo do olhar da ancestralidade.

Com o objetivo de proporcionar uma completude ao planejamento, visitaram uma aldeia, em Viamão/RS, a fim de oferecer uma vivência com as crianças dessa comunidade e, assim, observar como vivem, estudam e brincam. Ou seja, possibilitaram a esses infantes uma experiência de completa imersão no universo indígena.

Por fim, publicaram um livro com textos e ilustrações de todas as crianças envolvidas em todo processo. A alegria desses momentos estará gravada nas linhas do tempo, na memória e na alma de várias comunidades.

2º Lugar

Bumbum no chão livro na mão

Autora: Alcione Pauli | Joinville – SC

A Educação Infantil é o espaço do ouvir, compartilhar e apreender. É o tempo do gerir emoções, complementar imaginações e permitir-se intuir. É o espaço do aprendizado mútuo e da reunião do corpo com uma alma pueril, cheia de ansiedades por descobrir e significar.

Bumbum no chão, Livro na mão é um projeto que já denuncia seu espaço. Seu nome já plenifica seu propósito: aconchego, sabor, sentidos, leituras na Educação Infantil.

De acordo com a autora: *Para pensar projetos para a Educação Infantil há que se prestar muita atenção nas crianças e nas suas atitudes*. Portanto, há que se resgatar a infância com toda sua pureza e essência, de forma a trazer-lhe significado para que as pequenas e simples atitudes, sabores, brinquedos, histórias sejam valorizados. Uma infância, parafraseando o poeta Drummond, para se construir os homens e eternizar as crianças...

O relato Bumbum no chão, Livro na mão revela sua experiência com as leituras de textos de autores indígenas nesse segmento. Apresenta a emoção do mediador de leitura, as intervenções dos pequenos leitores, seus encantamentos e curiosidades. Enfim, a festa propiciada pelo compartilhar do texto desses autores com os pequeninos. Uma celebração para nunca ser esquecida...

17º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO!

O concurso incentiva autores a escrever relatos ficcionais e não-ficcionais cujo tema seja a situação de leitura partilhada entre ele e a criança ou o jovem, promovendo a ideia de que o adulto é o principal mediador da leitura.

Relato Real

Venha ler ao pôr do sol com seus alunos

Autor: Severino Rodrigues da Silva | Paulista – PE

Um belo relato que veio de Piranhas, Alagoas, do professor Severino Rodrigues

da Silva do Ensino Médio, com uma experiência leitora de sala de aula.

No alto sertão alagoano, ele compartilhou, com seus alunos, a leitura de contos de Lygia Fagundes Telles, da obra “Venha ver o pôr do sol e outros contos”.

E foi ao ar livre, acompanhados do Rio São Francisco e de plantações dos alunos, que todos ficaram extasiados com a atmosfera dos contos.

Ao oferecer um ambiente instigante e preparar o clima de mistério para as histórias, o professor acertou na leitura dos contos.

E conseguiu, com dedicação e cuidado, conquistar o interesse de adolescentes do Ensino Médio que, muitas vezes, se afastam da leitura literária espontânea, porque acostumam-se às leituras para as avaliações.

Relato Ficcional

Livro, ponte que liga o de fora e o de dentro

Autor: Sandra Ronca Cavalcanti | Niterói – RJ

Uma história de acolhimento, um encontro afetivo, entre uma leitora/contadora de histórias e uma menina, paciente de um hospital.

A criança, com seus dez anos, de corpo mirrado em uma cadeira de rodas, teve uma singular experiência ao escutar a história e se identificar não somente com personagens, mas também com quem mediava a leitura.

Pelo combinado entre as duas, a menina contou uma história dela na sequência.

E também fez um desenho.

Ao narrar a história maravilhosa de um sapo que vira príncipe, a menina mostra a identificação com a personagem e manifesta seu desejo de ser autônoma e cuidar de si.

Isso encoraja e fortalece aquela mediadora de leitura.

15º CONCURSO FNLIJ/UKA TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS

Direcionado para adultos brasileiros, residentes no país, com filiação indígena

apresentada, o concurso divulga novos autores de literatura indígena. O texto deve ser inédito e voltado para crianças e jovens.

1º Lugar

A semente de caboco

Autor: Gustavo Martini Malucelli | Povo Indígena: Wapichana, Curitiba – PR

Pé no chão
Pé de ouvido
Enterra, semente desperta
Corpo é terra.

Assim começa o texto vencedor de 2018, semeando ritmo e musicalidade.

O autor Gustavo Martini Malucelli, com ascendência do povo Wapichana de Roraima, apresenta memórias, reflexões e poemas.

Brinca com as expressões caboco, cabocar, caboquise, caboclinho, como se buscase, por meio desse jogo de palavras, sua própria identidade indígena.

Ao considerar os hibridismos culturais, sua escrita contextualiza o espaço social urbano e o rural.

Seus versos são ricos em musicalidade e no uso de palavras originárias de línguas indígenas.

2º Lugar

Vida, morte e vida de um guerreiro

Autor 1: Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó | Povo Indígena: Mebengokré, Porto Seguro – BA

Autor 2: Iglésio de Jesus Silva | Povo Indígena: Pataxó HãHãHae e Fulniô, Águas Belas – PE

Narrativa que reflete sobre a morte do guerreiro Galdino Pataxó, do povo Pataxó -hã-hã-hãe, do Sul da Bahia.

Em 1997, ele foi vítima de um fogo ateador por cinco jovens de classe média de Brasília, em um ponto de ônibus.

Com linguagem coloquial, o texto apresenta diálogos que revelam diferentes formas de transmissão dos saberes ancestrais desse povo.

Um toque natural de falas herdadas da tradição oral fica em evidência, além de premonições e da valorização de fenômenos da natureza.

O grande valor desse relato é o resgate da memória de Galdino.

Ao transformar aquela tragédia em história, o líder Pataxó continuará vivo.

Nas palavras dos autores Aline Kayapó e Iglésio Silva: *Quando morremos, vivemos, pois, um índio não tem fim.*

Júri e premiações

O júri do concurso FNLIJ é composto por Maria Beatriz Serra, Marisa Borba, Ninfa Parreiras, Vanessa Camasmie e Viviane Siqueira, responsáveis também pelas resenhas anteriormente apresentadas de cada projeto e textos vencedores.

As premiações dos concursos são: Concurso FNLIJ Melhores Programas de Leitura

Acervos de:

500 livros para o primeiro colocado; 300 livros para o segundo colocado e 150 livros para o terceiro colocado.

Concursos FNLIJ Leia Comigo! e Tamoios

Os textos vencedores são publicados no jornal Notícias FNLIJ.

16º Concurso FNLIJ Leia Comigo! | Relato Real

Venha ler ao pôr do sol com seus alunos

Relato de situação real por Severino Rodrigues

PIRANHAS-AL. 23 DE MARÇO DE 2016. FIM DE TARDE.

Sempre me preocupei em incentivar o hábito da leitura nos meus alunos. E a melhor forma de fazer isso é, além de dar o exemplo, ler junto com eles. E a gente lê bastante em sala de aula. Mas, atualmente, não sou professor do Ensino Infantil ou Fundamental, mas do Ensino Médio. Nessa etapa, quando muitos abandonam seus alunos por estarem “crescidinhos”, não deixo de lado meu papel e lemos.

No ano passado, passei por uma experiência curiosa. Havia ingressado no Instituto Federal de Alagoas, saí do conforto da casa dos meus pais e comecei a dar aulas numa cidade que só conhecia de foto: Piranhas. Nunca tinha pisado no alto sertão alagoano. A primeira vez que fui à cidade foi com a mala do carro cheia de roupas, livros e panelas, indo para ficar.

E tive a alegria de encontrar alunos maravilhosos e reencontrar o prazer de dar aula. Confesso que a correria da cidade grande tinha minado meus sonhos profissionais.

E lá estava eu, quase dois meses depois da chegada, preparando as aulas do 3º ano quando decidi trabalhar os contos de Lygia Fagundes Telles. Apesar de março, o ano letivo se encerrava – coisas das greves

e paralizações – e era chegada a hora de enfatizar um pouco a literatura brasileira a partir do *boom* do gênero conto.

Fui à biblioteca, já tinha visto que lá havia sete exemplares da antologia *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. Eu poderia pegar seis e levar para a sala de aula. E nada melhor do que começar com o conto que dava título ao livro e que me marcou anos atrás com aquele final assustador, digno dos piores pesadelos.

Desci para a sala de aula. Eram as duas últimas aulas do turno da tarde e distribuí os livros em trios. Apresentei a autora com a empolgação digna de quem a considerava uma das escritoras mais merecedoras do Nobel e, em seguida, disse qual conto leríamos.

Nessa hora, um aluno deu a sugestão de

fazermos a leitura ao ar livre. Perto da quadra, havia alguns bancos e algumas árvores. Concordei. E lá vamos nós para talvez a minha aula mais inesquecível.

Subimos. Como cenário, tínhamos agora, de um lado, as plantações dos alunos das aulas das disciplinas técnicas e, do outro, o Velho Chico. Sim, o *campus* é considerado um dos mais bonitos – pra mim o mais bonito – do país. Admirar a geografia sertaneja e as águas do rio São Francisco antes de entrar em sala é uma benção para poucos.

Os alunos se sentaram, abrimos o livro e iniciamos a leitura.

Para quem não se lembra ou ainda não conhece – os dois casos considero pouco prováveis –, esse conto narra o último encontro de Raquel e Ricardo. Ela o estava abandonando. Ricardo, então, pede para que vejam o pôr do sol juntos pela última vez. E o fato se dá próximo a um cemitério e é para lá que os dois se encaminham enquanto conversam sobre o

presente e passado.

A atmosfera do conto é de arrepiar. E ler essa história ao vento frio de fim de tarde e com o sol se pondo no mesmo ritmo do conto não foi diferente. Os alunos, volta e meia, soltavam um ou outro comentário e eu curiosíssimo para ver a reação deles quando chegássemos ao final.

Lygia, como o perdão da intimidade, impacta pelos seus finais abertos, mas o leitor adolescente pede respostas. O que acontece depois? Termina assim? Mas a graça da coisa é justamente levantar hipóteses.

E me surpreendo com as interpretações dos meus alunos. Algumas eu não havia pensando, como, por exemplo, uma possível ambiguidade de Ricardo. Não posso entrar em detalhes para não estragar a leitura de quem por ventura não conheça o texto. Mas ficamos um bom tempo cogitando o futuro dos dois personagens da história.

Meus alunos estavam inspirados, a natu-

reza estava inspirada, e eu estava extasiado. Nesse dia, fui menos mediador de leitura que meus alunos. Eles, sim, com espontaneidade e criatividade ultrapassaram as fronteiras do tempo e do espaço, da sala de aula e da imaginação.

Esse foi um daqueles dias em que se volta para casa com a certeza de que ser professor vale sim toda a pena.



FOTO RENATA TAVARES

Severino Rodrigues

17º Concurso FNLIJ Leia Comigo! | Relato Ficcional

Livro, ponte que liga o de fora e o de dentro.

Relato em forma de ficção por Sandra Ronca Cavalcanti.

O cão me observava da calçada. Parecia já conhecer a rotina. Entrei, passei pela roleta, me apresentei no guichê, peguei uma etiqueta e a coleí junto ao coração. Subi.

Me alertaram que a menina já estava com seus dez anos e a mãe era incapaz de deixá-la cuidar de suas próprias tarefas. Isso começara a causar um certo estranhamento, um desconforto, na menina. Fosse excesso de proteção, descrença em sua autossuficiência... Fosse o, de repente, a mãe se sentir menos necessária. Desde de que a filha nascera, não fizera outra coisa na vida, salvo se dedicar aos seus cuidados. Acostumara-se ao hospital, ao trânsito de enfermeiras, aos corredores e seus movimentos.

Abri a porta do quarto 204. Pedi licen-

ça. Aquela menina mirradinha, estruturada como um quebra cabeça mal encaixado, na cadeira de rodas, estava de costas para a porta. Virou-se numa rápida manobra. Como de costume, me apresentei e ofereci uma história. Ela, com um sorriso incandescente, largou os lapis de cor e prontamente concordou. Atenta, ouviu a leitura de um livro que falava sobre segredos. Ela, conforme nosso trato, me devolveu uma história. Na realidade duas: uma, contada através de um desenho, onde dava a entender que tinha os seus segredos. Guardados em gavetas que só ela abria e compartilhava com uma amiga. Seus olhos sorriam enquanto narrava e delineava na folha, as cores laranja e verde. Depois, fez questão de me contar uma segunda história:

“Havia uma menina, chamada Samara, que se apaixonou por um menino. Este menino tinha hábitos estranhos. Um deles era criar sapos.

Um dia, seu sapo preferido de nome João, fugiu e pulou no colo da menina. O sapo João ficou olhando pra ela, viu um

mosquito passando em frente à sua boca e, quando tentou comê-lo, sem querer, beijou Samara e virou um príncipe. Samara custou a acreditar e pediu mil e dois beliscões e desmaiou no décimo primeiro.

Quando acordou, estava num castelo, vestida de longo dourado com mangas de renda, toda arrumada. O cabelo estava mais comprido do que o normal, tinha uns riscos claros e era enfeitado de brilhantes.

Dois dias passaram. João gostava muito dela. O rei não, porque não era princesa de verdade e não sabia se comportar. Ela não deixava ninguém a vestir, pentear seu cabelo, não sabia comer direito, não deixava ninguém trabalhar. Queria arrumar o castelo e fazer tudo sozinha. Era um castelo muito grande. O rei quis que ela aprendesse bons comportamentos, quis dar aulas de como ser princesa. Ensinou e chamou muitos professores chiques.

Nem tudo deu certo. Para o rei. Mas Samara aprendeu um pouco a ser princesa, deixou os outros trabalharem. Parou de querer arrumar sozinha o castelo todo. Mas não deixava ninguém fazer as coi-

sas pra ela, como se vestir, tomar banho e pentear o cabelo. Enfeitava-se do jeito que quisesse. Samara e o príncipe se casaram. E ele aprendeu, com ela, a cuidar de si.”

Minha narradora, agora mais ereta, sorriu, abriu os braços e disse “fim”. Ficamos felizes pela princesa e pelo príncipe.

Esse presente que recebi, não foi só uma história. De alguma forma, nossa leitora, agora contadora, estava falando dela, de seus anseios, suas vontades e suas conquistas. O livro facilitara um processo de identificação, de estado e sentimentos,

e criara uma ponte, um acesso ao seu interior. Este se manifestara através de uma história. Nossos leitores, ouvintes, falantes ou não, quer nos tragam princesas, duendes, tartarugas ou outros animais, têm a oportunidade de se expressarem, serem ouvidos na sua individualidade. As histórias são estruturantes.

Nos despedimos modificadas. Ao sair, o segurança me pediu a etiqueta. A descolei do coração. Só a etiqueta. Muito havia sido colado dentro. O cachorro dormia. E eu pensava no poder das histórias.



FOTO HUGO RONCA CAVALCANTI

Sandra Ronca Cavalcanti

15º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de textos de escritores indígenas

A semente de caboco

Gustavo Martini Malucelli

Pé no chão,
pé de ouvido.
Enterra, semente desperta.
Corpo é terra.
Dedicado a curumins e caboclinhos.

Caboquisse.

Quando era criança e minha mãe me convidava pra lavar a louça dizia: “pode ajudar aqui, caboclinho?”. Se precisava de uma auxílio em seu ateliê de costura: “caboclinho, corta esse tecido pra mim?”. Me apressando pois estava quase perdendo o ônibus da escola: “vamos, caboclinho?” ou quando carinhosamente me chamava pois queria minha presença: “vem aqui, meu caboclinho”.

Com o passar dos anos, fui aprendendo um pouco mais os sentidos e significados que o memorável apelido carrega. A Mãe, Lucilene, é de origem Wapichana de Roraima e eu, Gustavo, cresci em Curitiba ouvindo histórias deste povo e da sua infância na aldeia. Lucilene, ou Luci, se mudou da terra indígena para o meio urbano aos 10 anos e admiro sua trajetória de vida e saberes, sementes, que ela carrega consigo. Sou grato pela minha infância, aos 10 anos, quando ela

levou eu e meu irmão para conhecer nossa terra de origem e nos apresentar para a sua mãe, nossa avó, irmãos, amigos e colegas indígenas que ela não via há mais de 30 anos.

Não há palavras que possam descrever o momento de encontro de minha mãe com minha avó, mas me recordo de toda a cena em câmera lenta. Além do privilégio de caminhar na mata, mergulhar no igarapé, sentir medo da sucuri, do Canaimé, ajudar no preparo da farinha, dormir na rede, ser tratado pelo pajé e viver muitas histórias que antes eu só havia escutado.

Durante minha vida fui desencorajado a assumir a identidade indígena. Ocorreu na escola: tiravam sarro e faziam piada quando eu mencionava que minha mãe era índia. Aconteceu com algumas amizades que sabiam minha origem e, durante uma discussão, utilizavam o termo “índio” num sentido ofensivo. Eu ficava triste. Até um dos amigos que mais respeitei na vida fez piada e ironia durante o vestibular perguntando se eu iria atrás das cotas indígenas. Mas não culpo ninguém, estes pensamentos estão enraizados na cultura urbana. Porém, acabei guardando por quase 30 anos as histórias ouvidas e o orgulho de afirmar minha ascendência indígena.

Cresci do desenho em grafite e lápis de cor na escola ao graffiti nas ruas, da inter-

net 56k aos fios de fibra óptica, do rock e repertório musical de meu pai às bandas que tive na adolescência, das vozes do irmão às do meu imaginário, das visitas ao ateliê da avó pintora à produção autoral, do jogo de xadrez com o avô à vida adulta e contas a pagar. A cidade é o meu pano de fundo de criação, portanto quando se trata da minha auto afirmação indígena e origem Wapichana, a palavra com que mais me sinto confortável para me descrever é caboclo. O caboclo ou caboco, como é popular na linguagem falada, é uma imagem curiosa e importante dentro do contexto indígena. É normalmente utilizada para definir a mistura entre brancos e índios. Um exemplo: minha mãe se casou com um cara muito gente boa, de ascendência italiana, o Maurício, e por isso me chamava com afeto de caboclinho. Um misturado. Porém, há tempos atrás, durante o contato colonial, a palavra foi utilizada para categorizar os índios aculturados - ou seja, todo indígena que tinha que deixar a sua tradição em segundo plano para trabalhar para algum patrão era chamado de caboclo. “Este caboco já perdeu a cultura”, diziam eles.

Regionalmente, os caboclos são os camponeses da amazônia e muitos destes misturados foram obrigados a deixar sua cultura para trás ou aprender a esconder ela.

Embora a palavra tenha se populari-

zado, na maioria das vezes é falada num sentido e tom negativo. Acredito, e sinto, que não é a mistura que elimina os traços indígenas de uma pessoa. Lá onde minha mãe cresceu, vive Macuxi com Wapichana, e ela conta que sua avó falava que aos poucos eles estavam se tornando “Makuchana”. A cultura também se transforma e o mundo muda a partir da mistura das ideias. Mas por que o indígena é criticado quando é percebido misturado? Por quê um índio que vira doutor, advogado ou estudante é taxado de não-índio? “Eles moram na cidade, não são mais índios”. É preciso reconhecer e valorizar a contribuição indígena para o planeta, não apagar o seu orgulho.

O meu desejo, é incentivar todos a investigar sua mistura. O Brasil é todo assim: misturado e cheio de caboco. É bom saber de onde a gente veio, sabe? E neste processo vamos acordando algumas sementes dormentes. Vamos cabocar?

1. Pé no chão,

Na terra livre tinham muitas sementes.
Alimento para a taba e toda gente.
Curumin comia uma, virava Tuxaua.
Vento molhava, nascia fala.
Plantava tudo no mato: banana,
sucuriju, igarapé, limão, jaca.
Se plantar, crescia sapo.
Do breu no chão, aparecia céu.

Dia febril, manada de pássaros trouxe
outras sementes.
Misturou com a nossa gente, fez ninho.
Nasceu coisa nova.
Mandioca com farofa e gabioba.
Bolo de serpente. Vários caboclinhos.
Arroz com feijão e macarrão. Boa prova.
Quando arava abolição, nascia chapéu
de palha e bola de futebol.
Gado, facão e anzol.

Misturou muito, até as semente das
palavras.

Makuxi e Wapichana: Makuchana.
Tapera com Maloca, virou tapioca.
Malária, capim, cheta: malacacheta.
Urtiga, cura e pé: olha o igarapé.
Misto quente e rapadura: mistura.

Passado os anos algo estranho
aconteceu.

Terra, livre.

Sementinha morreu?

Se perdeu?

Uma disse que partiu. Foi pro sul.

Foi hibernar num lugar mais seguro,
pensou no futuro.

E ali dormiu sementinha de pé descalço.

E ali descansou sementinha de Jabuti.

E ali hibernou sementinha de rio.

E cochilou sementinha de timbó.

O sono foi longo, caboclinho.

Tatu e caminhão transportavam as
sementes. Nem se percebia.

Uma foi de avião. Roda cutia.

Dormiam, mas não paravam de
multiplicar.

Pareciam brincar.

Habitavam em várias cidades:

Rio de Janeiro, Curitiba, Cuiabá.

Sementinha dormente ainda sente.

É tipo giro de serpente.

2. pé de ouvido.

Quando caboclinho, curioso.

Falava pouco, pensava torto.

Perguntei o que acontecia

se comesse a semente da melancia.

“Olha, vai crescer um pé em você, viu?”
disse a mãe.

Comi. O pé cresceu, o corpo sorriu.

Na minha cidade, em Curitiba, sementes
dormiam em minha mãe.

- Filho, eu pescava com timbó e

brincava no cipó.

Não é história pra boi dormir:

Lá tinha fazenda também, campinho de
futebol, ouvi a história do Peri.

- Índio joga bola?

- Hoje sim. Índio não deixa de ser índio
só porque usa roupa, anda de carro
ou vai pra escola.

Hoje me lembrei: o primeiro lugar que
estudei se chamava Ceci.

Me contou um pé de um caboclo velho:

- Faz 231 anos que em cada cabana
aconteceu o contato Wapichana.

Já passou alemão, inglês e italiano.

Mistério.

Todos misturados, brancos também são.
Hoje comem mandioca, milho, pipoca.
Tudo semente indígena.

Na literatura e na vida: ouvi atento estas
histórias.

Na palavra a memória.

A semente transportada pela fala.

Flores que falam na palavra.

3. Enterra, semente desperta.

Um dia fui muito longe: uma montanha
em Seoul.

Lá na Coréia do Sul.

Eu, que era quieto,

Ouvi do pé da montanha:

“melhor se calar: só assim vai ouvir a
semente.”

Ao som do silêncio.

Respirei.

E acordou dentro do pulmão.

Foi logo correndo pro pé.

Conectou no chão.

Cuidado onde pisa, o pé falou.

Nem deu tempo de pensar. Pisei num
formigueiro de tocandira.

De lá o som ecoou: “sou o ouvido da
terra”.

Senti dor, mas as formigas pareciam
entender por quê eu estava ali.

“Tem muita semente dormindo.”

Com o pé ouvi.

“Na terra você vai buscar.”

- Lá nos Wapichana? Em Roraima?

“No alto, mas onde ainda tem chão”.

- Onde?

O silêncio.

Ouvi asa de mosquito.

Às sementes no corpo, aceno.

Tudo novo, derrepente? Nunca vi.

Estava nublado ou eu sou míope?

Um desafio: despertar o broto do sereno.

Por onde espiava, mais percebia.

Tinha semente na pá, no passo e no
pássaro.

No canto da gralha.

Na erva doce, na minhoca e até nos meus
desenhos.

Semente no livro e no professor.

4. Corpo é terra.
Eu sou da terra, diz a semente.
No broto da rocha, do pé d'água e
da raiz do mar escutei uma voz
Pataxó.
Do olho do guaraná ouvi histórias dos
Sateré-Maué.
Uma folha protegeu o céu do chão.
Conheci Yanomami.
Identifiquei uma árvore: a casa de
farinha Wapichana e Macuxi.
O chocalho acordou a flauta e o tambor.
Cantei para as sementes do meu bisavô.

Deitei na minha cama, era terra.
Não é que a terra é uma semente gigante?
Fui caboclinho e perguntei:
o que acontece se eu plantar o planeta?
Plantei. Cultivei.
Com o tempo certo, um broto.
Outro.
Foram 10.000 dias, eu assisti tudo.
Foi crescendo e tomou forma de homem.
Forma de Caboco.
Ele também é uma semente.
Fim.



Gustavo Martini Malucelli

15º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de textos de escritores indígenas

Vida, morte e vida de um guerreiro

Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó e Iglésio de Jesus Silva

Eu estou aqui! De onde estou consigo ver e sentir tudo em minha volta e na “terra debaixo”.

Continuo guerreiro, continuo vivo! Sou eu, seu tio Galdino!

Hoje sem dores e fortalecido espiritualmente, emano força para os que me querem bem, para os que valorizam e respeitam as forças ancestrais. O mesmo posso dizer sobre todos os nossos antepassados, que também estão por aqui.

Vejo sua vó Minervina ali, colhendo ervas e fazendo remédios para os que precisam; seu vô, o véio Jó, está deitado em sua rede na tapera, enquanto o guerreiro João Cravinho foi convocado por alguém daí, para ajudar na retomada do nosso território.

Aqui é uma grande roça, nossos parentes Guarany a chamam de “Terra sem Males”, é uma terra fértil. Tem batata doce, feijão de corda, mandioca, andu, abóbora e muitas frutas. Diferente das “terras de baixo”, minha mãe vai tranquila para a roça. Aqui nossa alma descansa da agonia dos murros e balas! Não existe cerca, aqui ninguém precisa encher sacos de areia, para proteger as aldeias contra as armas daqueles que se identificam como nossos inimigos. A morte é a amiga incansável da vida!

Sua tia, a rezadeira Maguí, foi chamada nesse instante para o preparo de kawin, aloá e farinha de puba. Ela também prepara a farinha com tranquilidade e serenidade, na certeza que por essas bandas não existem capangas. Estamos muito felizes com tanta segurança e tranquilidade.

Assim que voltei para a casa dos nossos antepassados, os que aqui moram me falaram que a antigamente a “terra de baixo” era igualzinha a “grande Roça”. Mas a ganância, o orgulho e a vaidade de uns vem destruindo a todo instante tudo em sua volta, e não desistirão até que não reste uma gota de vida! Os rios estão secando, falta água, as florestas e os animais são devastados todos os dias e a terra vai ficando feia e agonizante.

Durante minha vivência ai, meu sobrinho Yatso, observei que desde quando eras um kitoke (menino), você percorria o caminho para a o respeito à nossa ancestralidade. Bem antes de eu partir falei isso com sua mãe. Por isso presta bem atenção no que vou lhe contar, é uma história que aconteceu antes de irmos buscar sua vó para vir morar aqui na “grande roça”.

Antes de tudo, na condição de tio que não se encontra mais ai neste plano, quero dizer que você precisa ter clareza que nós, Pataxó HãHãHae, somos assim. Nosso elo com a ancestralidade vai além da existência material. Nossos Antepassados estão sempre presentes em nós, à medida que nós estamos neles. Portanto, eles são passado, presente e futuro.

Durante uma caminhada para mais um

banho no rio pardo, eu, yatso, estava pensando nos conselhos de meu tio Galdino e nos constantes sonhos que tenho. Às vezes temos um sonho, longo, longo, longo... Mas, quando acordamos percebemos que nem foi tanto tempo assim. Quando sonhamos perdemos a noção de tempo e espaço, e é nessa hora que nos desprendemos da matéria e o portal para “Grande Roça” é aberto. É dessa forma que os nossos ancestrais conseguem se comunicar conosco, através dos sonhos, e comigo não foi diferente.

Na aldeia Caramuru Paraguaçu, como de Costume, os guerreiros Pataxó HãHãHae se reúnem em grupos, na busca pelo alimento de seu povo. Esta é uma prática bem comum encontrada nos povos originários pelo mundo a fora. Pois bem, depois de um dia inteiro de pescaria, estávamos cansados, pois a pesca não foi tão boa quanto o planejado. Afinal de contas, não é novidade para ninguém, que os rios não são os mesmos já tem tempo.

Logo depois do jantar, mais tardar, umas sete horas, tomei um rapé para equilibrar as energias, acendi meu timbero para acalmar meu espírito, e fui me deitar. Eu estava na sala, quando minha mãe gritou:
- Yatso! Vá logo deitar, você deve estar muito cansado e amanhã terá que acordar cedo.

Caí em um sono tão pesado, que nem pude ver o que se passava em volta da aldeia. Segundo minha mãe, durante toda madrugada, alguns motoqueiros rondavam a as casas, fazendo muito barulho

com a descarga de suas motos e atiravam para o alto com seus revólveres.

Muitos não sabem, mas as madrugadas nas aldeias indígenas são sagradas, guardam muitos encantos e muitos segredos, especialmente na grande lua. Infelizmente essa é uma terrível e corriqueira prática dos emissários do mal, porta-vozes dos coronéis, que invadem o silêncio das madrugadas na tentativa de amedrontar nosso povo e nos expulsar de nossas terras originárias, mas sempre resistimos, pedindo forças para os nossos encantados.

Enquanto para a maioria dos parentes aquela madrugada foi de terror e angústia, para mim foi de uma imensa plenitude e satisfação, pois tive a visitação do meu tio Galdino, em sonho. Gosto de dizer que foi mais que um sonho. Foi uma miração espiritual!

No sonho, avistei de longe um aglomerado de pessoas em volta de um homem. Suas falas não eram bem compreendidas por mim, mas eu tinha certeza que se tratava de um idioma originário. Segundos depois, todas as conversas cessaram e deram lugar apenas a uma voz; a voz mais doce e firme que pude ouvir em toda minha vida. Ela dizia:

- Peço a vós, encantados, que preparem meu sobrinho para o que ele vai viver. Ele receberá a mensagem e aguentará firme. Peço também que apaguem de sua memória os motivos pelos quais minha pele está assim, toda enrugada.

A essa altura, eu sentia como se meu coração fosse pular pela boca. Queria ver com meus próprios olhos de onde vinha a voz, para ter certeza de que se tratava do meu tio Galdino. Dei dois passos para frente, me direcionando até a roda de conversa, quando de repente, senti duas mãos em meus ombros, outras duas em meus pés e outras duas em minha cabeça. Percebi que se tratava de um fenômeno espiritual, originário.

Meu Corpo parecia desfalecer, eu sentia sopros em meu ouvido, fazia esforço para me movimentar e não conseguia sair do lugar. À medida que minhas forças foram acabando, uma voz muito suave falava ao meu ouvido para que eu tivesse calma e que abrisse meus olhos para enxergar o que estava por vir. Foi então, quando pude ver a imagem do meu tio Galdino, e à medida que minha

visão se tornava mais nítida, meu coração se angustiava em escalas diretamente proporcionais, pois pude perceber que algo havia de errado em sua aparência. Ele estava com marcas profundas de queimaduras. Olhava fixo em meus olhos e tive a certeza que de fato era ele mesmo. Aquilo foi tão forte que me desaguei em lágrimas.

Chorei, por não acreditar que aquele corpo pertencia ao meu guerreiro tio Galdino Pataxó! Chorei, por não entender o que havia acontecido com ele, me senti impotente e revoltado, Senti como se eu tivesse falhado em algum momento.

Desesperadamente o indaguei sobre sua aparência, eu queria saber o que tinha acontecido. Com muita doçura e serenidade, enxugando minhas lágrimas, ele ergueu sua mão e me levantou do chão, dizendo: - Erga-se, mantenha a tranquilidade que vou lhe contar toda a história.

Então, fui levado por ele para a beira de um rio, muito parecido com o rio Pardo. Sentei-me na raiz de uma árvore e sob efeito influência dos encantados, adormeci e fui transferido para o ano de 1997, um ano muito significativo para o nosso povo e para a minha família.

Aquela cena junto com meu tio na beira do rio era como se fosse um sonho dentro de outro sonho, ou um sonho dentro de uma miração que me transportou no tempo e no espaço. O céu estava escuro, as nuvens muito carregadas e eu sentia o cheiro forte do café que estava sendo preparado pela minha mãe. Tentei me comunicar e não obtive êxito, achei estranho minha própria mãe me ignorar. Um fenômeno que eu não sei explicar, mas era como se eu soubesse que aquilo era um sonho.

Caminhei até o local onde estavam muitos parentes da aldeia Caramuru Paraguaçu, todos sentados, conversavam e traçavam planos para uma viagem à Brasília. Tinham uns carros da Funai estacionados, e meu tio Galdino Pataxó estava lá, sem as fortes marcas de queimaduras em seu corpo. Imponente, discursava sobre como retomariamos nossas terras originárias, ao mesmo tempo em que ele ensinava a importância de preservar da vida e todas as suas formas, pois tinham muitas crianças e jovens em sua volta. Tio Galdino entendia que a terra era fundamental para a preservação das nossas tradições originárias, as-

sim como ele dizia que a terra em nossas mãos era a garantia de sua preservação para a humanidade.

Concluído o seu discurso, meu tio sentiu uma tontura, como se fosse uma vertigem. Colocando as mãos na cabeça ele foi lentamente se abaixando até chão, quando dona Maura correu para ajudá-lo, oferecendo-lhe água e café fresquinho. Após alguns minutos, Galdino retomou a força e voltou a conversar com os parentes.

A tarde foi se passando e quando estava tudo certo para aquela viagem à Brasília, todos voltaram para suas tapestras. Eu, claro, fui ao encontro do meu tio Galdino, pois eu estava preocupado com ele, por conta do “empassamento” que o abateu durante a reunião dos guerreiros. Ao aproximar, ouvi uma conversa muito particular entre ele e minha vó, a velha Minervina, em que o tio Galdino disse:

- Minha mãe, a viagem para Brasília está certa, mas eu não quero ir, sinto que não deveria ir. Os guerreiros podem ir e resolver as coisas por lá, eu fico por aqui pela aldeia.

Minha vó, na tentativa de encorajá-lo, pediu para que ele acompanhasse os guerreiros naquela missão, fazendo valer o sangue de todos os guerreiros e guerreiras que tinham partido para a “Grande Roça”, em busca da conquista de nossas terras originárias. Ela dizia a ele que a luta pela terra era uma questão de honra e de dignidade do nosso povo.

Pensativo, ele concordou e foi tomar banho para o jantar, demonstrando-se convencido, satisfeito e encorajado para aquela tarefa que deveria cumprir na cidade de Brasília.

Apesar de convencido a viajar, no cair da noite seu coração sentiu um novo aperto que o angustiou novamente. De longe ele avistou dona Maura, uma anciã Pataxó HãHãHae, com quem foi confessar sobre sua insatisfação em ir para Brasília. Na conversa com a velha Maura, Galdino foi claro em suas palavras:

- Posso até ir, mas voltarei de avião e não de ônibus com os outros.

Dona Maura, assim como já tinha feito minha vó, a velha Minervina, deu orientações para que ele fosse, pedindo que ele tirasse de seus pensamentos coisas negativas, pois nada de ruim aconteceria na viagem, dizia ela.

Diante de toda aquela cena em volta da viagem para Brasília, me sentei na frente da tapera de minha vó e acabei adormecendo em meu próprio sonho, e quando acordei, minha miração havia me transportado para o ano de 2018. Ali estava eu, sentado na raiz de uma árvore, às margens do rio Pardo na aldeia Caramuru Paraguaçu.

Naquele momento me angustiei por não ter sido notado por minha vó, pois eu queria tanto poder abraçá-la! De todo modo, continuava sem entender o motivo da aparência do tio Galdino, ele estava irreconhecível, uma vez que na viagem do tempo que fiz com os encantados – em que retrocedi no tempo, ele estava em perfeito estado.

Minha inquietação diante daquele estado foi sentida pelo tio Galdino. Ele se aproximou e com muita tranquilidade disse:

- Yatso, meu sobrinho, acalme seu coração, tudo será esclarecido em seu tempo. Não precisamos tocar em algo para sentirmos que existe, e se um dia você precisar tocar em algo para ter certeza que existe, é por que jamais existiu. Precisamos lutar sempre e respeitar o rumo que os encantados traçam para nós, pois na trilha para a “Grande Roça” não há lugar para guerreiros com o coração fraco. Aqui somos todos muito fortes, não precisamos ser vistos ou tocados para que sintam nossas energias ou para sabermos que existimos. Ora, nos estamos em vocês e vocês estão em nós, assim é a nossa ancestralidade!

De repente chegou minha vó trazendo chá. Ela serviu sorridentemente um chá com aroma muito agradável, do qual saía uma fumaça leve.

Tomamos a bebida e em seguida adormeci, e quando acordei novamente eu estava em 1997, bem no meio de uma cantoria arretada dentro de um ônibus cheio de fortes guerreiros e guerreiras Pataxó HãHãHae, que entoavam cantos ininterruptos. O ônibus seguia para Brasília.

Já não fazia muita diferença eu não ser percebido por meus parentes, uma vez que estava claro que se tratava de uma missão que eu cumpria ali. Era como se meu tio Galdino quisesse me falar algo, mas preferiu que eu visse com os meus

próprios olhos, vivenciando toda aquela história.

Como dito anteriormente, fui transportado para o ano de 1997, exatamente no dia índio. Naquele dia, meus parentes foram convidados para marchar nas ruas, de baixo de um sol escaldante, e quando meu tio Galdino soube do convite, deu uma gargalhada e orientou que ninguém participasse daquele ritual cívico. Ele estava muito focado em ir falar com o presidente sobre a demarcação do território do nosso povo.

Depois de mais de um dia de viagem, chegamos à Brasília, onde meu tio e os guerreiros cumpriram a agenda de reunião com o presidente da República. Logo após a reunião, tio Galdino conheceu alguns parentes do povo Bororo, com os quais fez amizade e conversou longamente sobre vários assuntos.

Acontece que no dia 19 de abril, estava ocorrendo uma grande festa na cidade e, tive uma impressão que ele viu nessa oportunidade uma forma de espalhar, pois o dia tinha sido intenso e desgastante.

Encerradas as atividades todos voltaram para o hotel onde estavam hospedados, e ao cair da noite ele avistou dona Maura e disse:

- Parenta, vou ali visitar uns “irmãos” que estão no outro hotel, eles vieram para fazer tratamento de saúde. Vou e volto logo.

Ele seguiu pelas ruas largas e longas do eixo sul do Distrito Federal. A noite estava muito agradável, um clima fresco que combinava com seu otimismo diante dos encaminhamentos que foram dados na reunião com o presidente. Havia muita gente e um movimento intenso de carros pela cidade, uma realidade não convencional comparada à calmaria da aldeia Caramuru Paraguaçu.

Ele chamava a atenção por onde passava, não só por sua aparência física e seus adereços indígenas, como por seu carisma. Diante de tantos cumprimentos e acenos das pessoas, Galdino parecia mais com um reconhecido político, falava alegremente com todos, dos guardadores de carros aos moradores de rua.

Depois da rápida visita aos parentes em tratamento médico, ele seguiu rumo

a uma festa a qual foi convidado, onde alguns amigos o esperavam. Lá conversaram extensamente, ora sobre assuntos indígenas e sobre conquistas do movimento, ora sobre suas vidas pessoais, davam gargalhadas, brincavam de tal forma que meu tio parecia uma criança. Na verdade, todos pareciam crianças soltas ao vento.

As horas se passavam e ele resolveu retornar ao hotel onde estava hospedado, conforme o combinado com dona Maura. Agora a noite estava escura, a temperatura caiu bruscamente e quase não se via ninguém pelas ruas.

Um velho sentado na calçada lhe pediu algum dinheiro, percebi que isso o assustou um pouco, eu tive que acelerar meus passos para acompanhá-lo. Vi que ele sentia tanto frio, que parecia mais um porco do mato batendo os dentes. Estava com pressa para em chegar ao hotel, mas parecia estar sem dinheiro, e mesmo que tivesse, por ali não passava nenhuma condução, o jeito foi seguir a pé.

Alguns metros dali um homem se aquecia em uma pequena fogueira improvisada. Era um daqueles guardadores de carros que o cumprimentou quando seguia para o hotel onde foi visitar os parentes em tratamento. Com tanto frio, tio Galdino parou alguns minutos para se aquecer na fogueirinha, trocou algumas palavras, o suficiente para saber que aquele homem era um indígena que teve sua aldeia destruída quando ainda nem tinha nascido.

Despedindo-se daquele moço, tio Galdino agradeceu as orientações recebidas, segundo as quais ele deveria ter cuidado sobre os perigos da noite na região. De longe, o rapaz gritou algumas palavras, dizendo que reconheceu em Galdino uma força ancestral muito forte, que lhe fazia arrepiar, e concluiu observando que sua missão tinha sido concluída com êxito em Brasília.

No caminho para o hotel, ouvi uns sussurros, como se Galdino estivesse falando sozinho. Depois percebi que meu tio estava elevando seus pensamentos ao nosso Pai Tupã, pedindo proteção e força.

Ao chegar ao hotel, meu tio bateu reiteradas vezes na porta, foi atendido, mas o impediram de entrar. Não entendi o motivo daquela postura da moça que estava

na recepção. O cansaço estava estampado em seu rosto, mas definitivamente ele foi proibido de subir para seus quarto.

Diante da situação, tio Galdino teve a ideia de voltar para junto do parente guardador de carros e aproveitar a fogueira para se aquecer. Confesso que ver meu tio naquela situação, sem poder fazer nada, me deixou intranquilo. Mas para nossa surpresa, quando retornamos no local, o guardador de carros não estava lá, e não havia qualquer sinal de fogueira naquele local, nem sequer o cheiro da fumaça ou resquícios de cinzas. Nada! Simplesmente nada! Isso o deixou intrigado e a mim também, pois eu tinha absoluta certeza de que se tratava do mesmo lugar que havíamos estado anteriormente.

Ao se deparar com o curioso acontecimento, meu tio exclamou:

- Eita Encantados, vocês sempre por perto!

Agora já tarde da noite, cansado e com frio, o guerreiro Galdino resolveu voltar para perto do Hotel e esperar amanhecer, quando avistou um ponto de ônibus e por lá mesmo ficou. Meu coração ficou muito apertado em vê-lo naquela situação. Eu sentia o perigo por perto e meu consolo foi ver que o local era coberto, tinha uma parede e um banco comprido onde ele pôde descansar. Quanto a mim, preferi ficar por perto velando seu sono.

Na entrada da madrugada, senti um cheiro forte de capim de aruanda, alfazema, amescla e outras ervas perfumadas. Olhei para todos os lados e não vi nada. Fiquei imaginando de onde teria vindo aquele aroma.

Repentinamente fui surpreendido com o barulho de um carro que freou bruscamente onde estávamos. Cinco seres desceram abruptamente do automóvel, trazendo em suas mãos galões cheios de um líquido de forte cheiro. Apesar de estar eufóricos, com os olhos avermelhados, nenhuma palavra saía de suas bocas. Derramaram o combustível primeiro em volta do meu tio e, em seguida sobre todo seu corpo adormecido e cansado.

Aquele forte cheiro me sufocava e me desesperava, pois não havia nada que pudesse fazer naquele momento! Muito fogo, muito fogo.... Em meio às chamas

alaranjadas, uma potente luz resplandeceu e três fortes encantados o protegeram, como se estivessem tentando leva-lo para “Grande Roça”.

Um casal, que observou tudo, pediu ajuda e em poucos minutos o levaram para o hospital. Por volta das duas horas da madrugada os três fortes encantados reapareceram, e dessa vez o levaram para a “Grande Roça”. Todos se esforçaram para mantê-lo em vida perto de nós, mas como ele mesmo dizia: “Quando morremos, vivemos, pois, um índio não tem fim”.

Naquele momento, tudo começou a fazer sentido para mim. Entendi o motivo das marcas em seu corpo, ao passo que fui arrebatado para a beira do rio Pardo, onde mais uma vez estava eu sentado na raiz da árvore, frente a frente com Galdino!

Frente a frente com meu tio Galdino, não emitia uma só palavra, nem um som saía de minha boca, pois eu não queria perder tempo com nada além de observá-lo e sentir sua força! Com seu olhar fixo para o horizonte, ele me disse:

- Só desiste de seu chamado aquele que não valoriza o sangue derramado de um ancestral. Quem não reconhece o sangue, não reconhece a vida! A cada palma de chão tem sangue dos nossos antepassados. Todos têm que respeitar a terra, os antepassados e a nossa espiritualidade ancestral

E continuou:

- Todo índio carrega em si uma força ancestral, e quem entende a leveza dessa força, não tem medo de morrer, por isso não desista da luta, meu sobrinho. Porque quem morre, vive, e quem vive luta! Estamos aqui de passagem, todos nós voltaremos para a Grande Roça, onde estão todos os nossos antepassados.

Fique ouvindo atentamente tudo aquilo que ele me dizia. Quando pausou sua fala, pensei em expressar algumas palavras, mas ele imediatamente prosseguiu:

- Todos temos um chamado, precisamos lutar por ele! Antes de vencer o mal que se encontra lá fora, olhe para dentro do seu coração. Sinta sua força, se houver algum caminho mal, trace uma nova rota e siga pelo caminho do bem. Não espere que alguém faça isso por você ou lhe diga

o que tem que ser feito. Enquanto estiver nas “terras de baixo”, procure o caminho da humildade, da resistência e da sabedoria, sem os quais você nunca chegará na “Grande Roça”.

Depois de todos esses ensinamentos, acordei com meus próprios gritos, que diziam: Galdino Vive! Galdino Vive!

Levantei e fui à cozinha, quando encontrei minha mãe chorando. Perguntei a ela o que tinha acontecido, e ela relatou que chorava por estar amedrontada com tantas ameaças daqueles homens maus que aterrorizavam a aldeia, mas também estava emocionada como o meu sonho. Segundo ela, durante toda a noite eu emiti sons e palavras que evidenciaram que eu estava recebendo uma mensagem de nosso Pai Tupã, através do guerreiro Galdino, um parente tão querido e amado!

Hoje, tenho clareza que Galdino representa mais que uma imagem de guerreiro ou mártir, ele foi a semente alfa para a conquista de nossas terras. Sua luta, seu exemplo e sua morte foram combustíveis que mobilizaram nossas forças e determinação para conquistarmos nosso território e outros direitos.

Seguindo os passos do tio Galdino, queremos colaborar na construção de uma sociedade mais justa, que respeite as diversidades de povos, línguas e tradições. Uma sociedade pautada nos princípios da igualdade que ande de mãos dadas com a observância de nossas diversidades.

Galdino está na forração do céu, na Grande Roça!

Galdino está aqui, sempre esteve e sempre estará!



Aline Ngenhtabare Lopes Kayapó e Iglésio de Jesus Silva

CONCURSOS FNLIJ

2019

Acompanhe o site www.fnlij.org.br e a página da FNLIJ no Facebook para saber quando começam as inscrições para as novas edições dos concursos!

Participe e divulgue seu trabalho de promoção de leitura e a Literatura Infantil e Juvenil!

24º Concurso FNLIJ Os melhores programas de incentivo à leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil

18º Concurso FNLIJ Leia comigo!

16º Concurso FNLIJ/UKA Curumim – Leitura de obras de escritores indígenas

16º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de textos de escritores indígenas



**QUERO MINHA
BIBLIOTECA**

Acesse

www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE *iBBY*

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Tribos Editora; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão** FNLIJ 2017-2020 Conselho Curador: Carlo Carrenho, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Ísis Valéria Gomes, Leonardo Chianca e Roberto Ferreira Leal; Conselho Diretor: Wander Soares (Presidente), Anna Maria Rennhack e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Jorge Henrique Carneiro e Marcos Veiga Pereira; Suplentes: Amir Piedade, Diego Drumond e Lima e Paulo Rocco. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Beatriz Bozano Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José de Alencar Mayrink, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Cunha e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

